

Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

The place of black women in the world of Brazilian labor, the category of overexploitation and the debate on the social issue

Edergênio S. Vieira¹

Resumo: Em *Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil*, pretende-se fazer uma análise da formação do mercado de trabalho brasileiro, perpassado pela questão racial. Para isso, foi necessário situar a questão da mulher negra no conceito de superexploração, a partir da divisão sexual/racial do trabalho, com o enclausuramento no serviço doméstico, tanto na Casa-grande quanto nas lavouras de cana-de-açúcar, nos engenhos e nas plantações de café; e a perpetuação dessa situação no processo de urbanização com a mudança da população do campo para as cidades, surgindo, assim, nos sobrados, nas mansões e nos apartamentos de famílias das classes médias e altas o famigerado “quarto da empregada”. E, por fim, questiona-se: afinal, num país de capitalismo dependente, articulado de forma desigual e combinado, a questão racial/gênero e a questão social compõem as duas faces de uma moeda?

Palavras-chave: Questão social. Capitalismo racial. Trabalho. Empregadas domésticas.

Abstract: In *The place of black women in the world of Brazilian labor, the category of overexploitation and the debate on the social issue*. It is intended to make a brief analysis of the formation of the Brazilian labor market, permeated by the racial issue; situate the issue of black women in the concept of overexploitation with the enclosure in domestic work, starting in the Great House, through the sugarcane sugar, as well as mills, coffee plantations and the perpetuation of this situation in the process of urbanization with the change of the population from the countryside to the cities, arising both in the townhouses, and in the apartments of families of the middle and upper classes "maid's room"; and finally questions: after all, in a country of dependent capitalism, articulated unevenly and combined, the racial/gender question and the social question make up the two sides of a coin?

Keywords: Social issue. Racial capitalism. Work. Domestic workers.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB. ORCID: [0000-0003-3818-1559](https://orcid.org/0000-0003-3818-1559) - E-mail: professoredergenio@gmail.com.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

“A caneta, a folha, o lápis. Agora que eu comecei a escrever, que eu nunca me cale”²

Na sociedade capitalista o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens forçado a funcionar como um meio para a reprodução e acumulação de trabalho (Federici, 2019, p. 31.)

A cena é muito comum a ponto de ser naturalizada por aqueles/as que a observam: uma imensa massa de mulheres que ficam nos pontos de ônibus do transporte público, assim como nas estações de trens e metrô de grandes e médias cidades brasileiras. Uma grande força de trabalho feminina se encontra nesses lugares praticamente todos os dias da semana, faça chuva ou faça sol. São trabalhadoras domésticas, que, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD *Contínua*) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, constituíram o perfil sociodemográfico predominante entre as 6,06 milhões de pessoas ocupadas em serviços domésticos no país, dados esses que continuavam os mesmos de séculos atrás: 92% eram mulheres, a maioria delas negras (66%), com idade entre 45 e 59 anos (42%) e escolaridade inferior ao Ensino Médio completo (63%).

Conquanto a maioria dos trabalhadores obtiveram acesso a direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) nos idos de 1943, somente no ano de 1972, por meio da Lei 5.859, as trabalhadoras domésticas tiveram reconhecido o direito à carteira assinada, assim como a férias remuneradas e a usufruir dos benefícios da Previdência Social. Entretanto, a informalidade é a regra nessa categoria de trabalhadoras, uma vez que a maioria não tem carteira assinada, como apontam dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Passados 10 anos após a Emenda Constitucional 72, que ficou conhecida como a PEC das Domésticas, a situação da classe trabalhadora desse setor continua sendo uma das mais precárias do Brasil.

O cantor e compositor brasileiro Chico César conta que, numa ida ao aeroporto de Congonhas, na cidade de São Paulo, na década de 1980, observou na rua uma grande

² Ferreira, 2018.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

quantidade de mulheres durante o percurso. Segundo o compositor, um fato que lhe chamou a atenção foi que a maioria das mulheres era negra, portando sacolas e provavelmente ia para o trabalho. Em depoimento registrado numa plataforma de vídeos, o cantor conta que compôs *Mama África*³ nesse dia, um hit que fala das dificuldades enfrentadas por mulheres negras no Brasil.

Boa Esperança

Em *Boa Esperança*, o compositor Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico de Emicida, retrata, por meio da arte musical, a vida de empregados domésticos de uma mansão que, depois de sofrerem diversas humilhações, se rebelam contra os patrões e desencadeiam uma revolução em todo o país. O videoclipe retrata a situação vivida pelas trabalhadoras domésticas no Brasil. Desde a Casa-grande, o Brasil menospreza o trabalho realizado dentro de casa. Tanto a música quanto a literatura, assim como a academia lidam com o tema a partir de abordagens que valem a pena ser debatidas. Sendo assim, este texto não tem a pretensão, nem poderia, de esgotar o assunto, e sim apontar particularidades para uma leitura do tema a partir de uma abordagem teórica e epistemológica que visa se aproximar das leituras histórico-crítica e dialética.

Literatura

No romance *Ponciá Vicêncio* (2017), a escritora Conceição Evaristo narra a vida de Ponciá, mulher negra e pobre, que foge da violência doméstica que sofria na zona rural e vai para a cidade. Sem conhecer ninguém na urbe⁴, se dispõe a “[...] indagar às senhoras, que saíam da igreja, se não estavam precisando de alguém para trabalhar” (Evaristo, 2020, p. 37). Ao conseguir um emprego de trabalhadora doméstica, Ponciá foi

³ Chico César - A história de *Mama África*, disponível em: [YouTube](#).

⁴ Substantivo feminino/Centro urbano ou cidade; designação atribuída ao conjunto de pessoas que habitam uma área delimitada, com casas e atividades financeiras, comerciais, culturais, administrativas, entre outras: qual a urbe de mais de um milhão de habitantes que não apresenta problemas?



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

“[...] aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade” (Evaristo, 2020, p. 38).

Ao aprender a gramática dos afazeres da casa na cidade, Ponciá torna-se uma trabalhadora doméstica, essa categoria profissional que ocupa o cenário e o imaginário brasileiro há muito tempo. Seja se ocupando do cuidado e da arrumação das casas e dos apartamentos de famílias de classe média, alta e milionária, sendo submetidas às mais diversas situações no cotidiano desses recintos, onde a própria fiscalização dos direitos dessas trabalhadoras é negligenciado, seja servindo de inspiração para novelas, filmes, livros, poemas e peças de teatro, ou mesmo tese de doutoramento (Costa, 2007), as trabalhadoras domésticas se fazem presentes.

O Capitalismo Racial e a gênese do processo de superexploração das mulheres a partir do colonialismo europeu

A despeito da importância central do tema trabalho e do *racial capitalism*⁵ na obra de Cedric Robinson, *Black Marxism* (1983), lançado no Brasil em 2023, com o título de *Marxismo Negro*, há poucos estudos e pesquisas sobre a ideia de capitalismo racial no Brasil e em países da América Latina. Ao lançar um olhar sobre esse conceito, três questões precisam ser colocadas: um debate entre o centro e a periferia; uma discussão sobre o ativismo social e a academia; e, por fim, uma reflexão entre o termo capitalismo racial e a problemática mais ampla a que se refere.

Por questões objetivas não será possível delinear cada um desses pontos. Opto, desse modo, por dizer que tenho observado nos últimos anos o surgimento de cada vez mais pesquisas que dialogam com essa orientação teórica-metodológica, que, sendo analisada de forma crítica, têm a possibilidade de contribuir para a tomada da consciência da classe trabalhadora, assim como instrumentalizá-la para uma compreensão holística da conjuntura. Em linhas gerais, o autor defende que o primeiro proletariado se originou nas *plantations*, sistemas agrícolas dos países de economia de

⁵ Capitalismo racial.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

plantação que tinha na escravidão de pessoas a sua essência para a extração do mais valor sobre a superexploração do trabalho, a escravidão e a monocultura eram suas formas primárias de articulação, foram as metrópoles europeias que instituíram esses modos de produção no Brasil, no Caribe e em todo o continente Americano a partir do século XVI. Robinson (2023) questiona a centralidade do proletariado branco nas fábricas da Inglaterra para o florescimento do movimento da classe trabalhadora. A tese não é nova e conecta com as investigações de Immanuel Wallerstein (1999) sobre a existência de uma diversidade de formas de trabalho como base para o desenvolvimento do sistema capitalista.

Em países de capitalismo racial, tendo como exemplos nações como o Brasil e os Estados Unidos, sabendo das diferentes histórias de formação social, política e cultural de cada nação citada, a classe trabalhadora teria origem no regime escravocrata. Essa é uma das teses apresentadas por Cedric Robinson (2023). Essa proto-classe trabalhadora, oriunda do regime escravocrata moderno, também tem/teve no seu escopo uma maioria de mulheres.

Essa leitura é compartilhada pela estadunidense Ângela Davis. No livro *Mulheres, raça e classe* (2016), a autora delinea o processo de exploração das mulheres negras na gênese do desenvolvimento capitalista nas Américas. Logo no primeiro capítulo, *O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher*, Ângela Davis aponta que “[...] tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura”. Vale destacar que a separação do gênero se dava a partir da conveniência dos senhores de escravizados/as. Pois, ainda de acordo com a autora:

[...] embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. (Davis, 2016, p. 11)

Esse capitalismo racial de base dependente, com desenvolvimento desigual e combinado, se configurou, aqui na periferia do capitalismo, o que antes era chamado de 3º mundo, mas hoje é assim nomeado como país em desenvolvimento, esse capitalismo



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

tem na violência a sua forma originária, e em especial contra as mulheres negras, que são as filhas daquelas que foram estupradas. De acordo com Ângela Davis (2016), racismo e sexismo são interseccionais, ou seja, estão relacionados. Essas linhas de racismo e sexismo se inter cruzam com outras dimensões de opressões, tais como a LGBTQIAPN+fobia, xenofobia, machismo, etarismo, gordofobia e outras formas de aversão, repulsa e apagamento de existências que não performam o padrão normativo exigido pelo capitalismo racial.

Nesse sentido, pode-se inferir que, tanto nos EUA quanto no Brasil, a questão social, elemento que abordarei logo à frente, e a questão da mulher negra são fundamentais para a compreensão dos sentidos das formações nacionais de cada país citado. Mas vale ressaltar que não irei empreender aqui uma análise comparativa entre Brasil e EUA, mas sim algumas interpretações sobre a formação social brasileira. Nesse cenário, temas perenes para as políticas sociais de Estado, como desigualdade econômica, discriminação, pobreza, entre outras variáveis, são imprescindíveis na análise da atual situação das trabalhadoras domésticas, assim como para a compreensão da condição das mulheres negras no Brasil.

Apresentado o fio condutor desse texto, evidencio que o escrito tem como tema *O lugar da mulher negra no mundo do trabalho brasileiro, a categoria de superexploração e o debate sobre a questão social*. Para a empregada intenta-se fazer uma breve análise da formação do mercado de trabalho brasileiro, perpassado pela questão racial; situar a questão da mulher negra no conceito de superexploração com o enclausuramento no trabalho doméstico, começando na Casa-grande⁶, sem minimizar os enormes

⁶ Em *Casa-grande e Senzala* (1908), Gilberto Freyre gesta um mito que continua vivo na sociedade brasileira. O mito da democracia racial. O mito da democracia racial é fundante da formação da sociedade brasileira. Freyre apresenta uma interpretação idílica desse processo, sustentando que o colonialismo português no Brasil se deu de forma branda, mansa, suave como ondas leves do Atlântico, que balança um saveiro de um lado para o outro. *Casa-grande e Senzala*, o livro que os intelectuais orgânicos do estado populista de Getúlio Vargas usaram para introduzir ideias neocoloniais na psique dos homens que formaram a interpretação social do Brasil. Gilberto Freyre colonizou diversos nomes da formação do pensamento social brasileiro, com frases do tipo: “[...] a influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, a religião; o sangue mouro ou negro correndo por



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

contingentes de trabalhadoras negras nas lavouras de cana-de-açúcar, assim como nos engenhos e nas plantações de café; e a perpetuação dessa situação no processo de urbanização com a mudança da população do campo para as cidades, surgindo tanto nos sobrados, quanto nos apartamentos de famílias das classes médias e altas o famigerado “quarto da empregada”. Faço isso utilizando de algumas referências que estão para além da linguagem acadêmica, inserindo também elementos literários e musicais para se pensar essas questões. E, por fim, questiona-se: afinal, num país de capitalismo dependente, articulado de forma desigual e combinado, a questão racial/gênero e a questão social compõem as duas faces de uma moeda?

Desigualdade em números

Nas análises de indicadores do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), por meio da publicação *Retrato das desigualdades de gênero e raça* (2011) fica evidente o lugar da subalternidade legado à mulher negra na sociedade brasileira. Na investigação daquele ano, a então ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Luiza Helena de Bairros dizia que aquele era o Ano Internacional dos Afrodescendentes, o que implicava na necessidade da análise dos números com vistas à redução da desigualdade entre homens e mulheres no Brasil. Essas disparidades são evidentes entre diversas categorias e conceitos de análises, tais como, classe, gênero e raça, mas é, sem dúvida, entre as mulheres negras que a situação mais se agrava, pois, racismo e sexismo se articulam no desenvolvimento do colonialismo, do neocolonialismo e do colonialismo psíquico.

De acordo com Gonzalez (2020, p. 95), “[...] como sabemos, a lógica interna que determina a expansão do capitalismo industrial em sua fase monopolista entrava o crescimento equilibrado das forças produtivas nas regiões subdesenvolvidas”. Ainda

uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura” (Freyre, 1997, p. 5). É uma delícia esse sintagma, não precisa nem digerir #sqn.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

segundo Gonzalez, essa forma de desenvolvimento se dá de maneira desigual e combinada.

As questões relativas ao desemprego e ao subemprego incidem justamente sobre essa superpopulação. É nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que remete a uma divisão racial do trabalho extremamente útil e compartilhada pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. (Gonzalez, 2020, p. 96)

Fica evidente com isso que, em termos econômicos, o racismo é superexploração do trabalho; e que as histórias raciais não passam de superestrutura, uma cobertura, uma surda emanção ideológica revestindo uma realidade econômica (Fanon, 2021).

Ainda de acordo com Lélia Gonzalez:

[...] é nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que remete a uma *divisão racial do trabalho* extremamente útil e compartilhada pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. (Gonzalez, 2020, p. 96)

A cientista Lélia Gonzalez, ao se referir à forma como o capitalismo se desenvolve, busca uma interpretação que explique a situação da população negra no Brasil. Se pensadores, como Silvio Almeida (2019), buscam fazer uma interpretação do Brasil a partir da Filosofia, da Ciência Política, da Economia e da Teoria do Direito, tendo a raça como um elemento estrutural para essa análise – assim como Clóvis Moura (2014), que propõe uma análise bem fundamentada sobre a formação e o sentido de Brasil, também a partir do conceito de raça e suas relações com a estrutura do modo de reprodução social –, Lélia Gonzalez (2020) propõe uma interpretação nacional, tendo raça, classe e (sexo) gênero no centro da análise. A base empírica utilizada para pensar esses conceitos e categorias tem na mulher negra brasileira, latino-americana e caribenha o seu principal sujeito de análise.

Lélia Gonzalez (2020) tem leitura psicanalítica e antropológica da sociedade brasileira e apresenta uma contribuição importante para a formação social brasileira,



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

especialmente para se pensar raça, classe e gênero, buscando identificar os sintomas da neurose cultural brasileira. Sendo uma psicanalista, ela afirma que a sociedade brasileira padece de um duplo complexo de Édipo. A hipótese vai dizer que o homem, a criança no seu processo de formação, tem um desejo pela mãe. Lélia pensa a sociedade patriarcal e como se dá a dinâmica do sexismo nessa sociedade. Por isso, ela fará uma análise a partir do homem branco. Se o sujeito na sua infância deseja a própria mãe, e, de acordo com a psicanálise, o cuidado não é feito necessariamente pela figura biológica dos indivíduos, Lélia pergunta: qual foi a figura materna que cuidou dos homens, dos homens brancos, na sua infância? A babá e a empregada doméstica. Essa relação ambígua com a babá e a trabalhadora doméstica estruturaria essa neurose cultural brasileira, que se expressa no racismo e no sexismo da sociedade tupiniquim e abre espaços para o que se nomeia na psicanálise como denegação, como aponta Lélia.

Escravidadas, mucamas, trabalhadoras domésticas, diaristas

Já nos séculos XVII, XVIII e XIX, as pessoas negras tinham atuação diretamente no serviço doméstico. Elas eram responsáveis pela manutenção da casa: cozinheiras, aias, amas-de-leite, lavadeiras, cocheiros, entre outros. Muitas exerciam também atividades de ganho nas ruas, para a compra de sua liberdade e de outras pessoas alforriadas. Para se ter uma ideia, na primeira década do século XIX, o Brasil tinha, aproximadamente, três milhões de habitantes. Desse total, 1,6 milhão pessoas eram escravizadas, ou seja, mais da metade da população era escravizada, e, ainda que houvesse brancos escravizados, a maioria dos que exerciam atividades laborais eram pessoas negras. Pode-se afirmar que trabalho no Brasil sempre foi coisa de preto.

Para concluir essa parte, retomando o texto da ministra de Estado, Luiza Bairros, destaco, de forma breve, que a Seppir é uma das raras medidas efetivas de instituição de um órgão dentro da estrutura de governos para analisar, compreender, escutar, dialogar, planejar e executar ações que sejam voltadas especificamente para a promoção da equidade racial. Ao empreender análises acerca dos dados da pesquisa *Retratos das*



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

Desigualdades de gênero e raça é candente que a base da pirâmide societária brasileira tem, como corpo que a sustenta, o corpo de uma mulher negra. E é sobre ela que incide todo o peso do sistema capitalista. Por isso, é necessário que a Seppir, por meio da atual ministra Anielle Franco, solicite ao Ipea uma nova versão dessa pesquisa. O edital precisa contemplar a destinação de recursos para que órgãos de controle social também tenham acesso a capital para subsidiar suas pesquisas sobre as desigualdades de gênero e raça no Brasil 2024.

A desigualdade no núcleo da periferia

Em países de capitalismo dependente, com desenvolvimento que se dá de forma desigual e combinado, como na América Latina, Caribe, África e parte da Ásia, que se encontram distantes do núcleo do átomo capitalista - é do saber de todos que o átomo é dividido basicamente em duas regiões: o núcleo, formado por prótons e nêutrons, e a eletrosfera, formada por elétrons e um grande vazio - é exatamente a um vazio social, aliado a uma superexploração da força de trabalho, que as pessoas trabalhadoras de países de capitalismo dependente, em especial as mulheres, estão submetidas.

O Marxismo e o problema da exploração das mulheres

Em *Calibã e a Bruxa*, a filósofa italiana Silvia Federici (2019), depositária do legado crítico do materialismo histórico-dialético, oferece uma interpretação crítica e bem fundamentada ao conceito de acumulação primitiva do capital, empreendida por Karl Marx, em especial no capítulo XXIV de *O Capital - A assim chamada acumulação primitiva*. Em linhas generalíssimas, cabe ressaltar que o texto da filósofa italiana é seminal para a compreensão do papel do gênero e da família no percurso da acumulação originária do capital. O que Silvia Federici (2019) procura fazer é construir uma alternativa crítica à teoria da acumulação de Karl Marx. Para a autora, a caça às bruxas foi estrutural, no sentido de colocar o corpo feminino como combustível para satisfazer as necessidades do capitalismo. E o que marca esse período, segundo a pesquisadora, é a



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

extrema violência exercida contra as mulheres de forma sistemática e racional, presente na base do Estado moderno.

Sendo assim, a obra busca analisar como o sexismo e o racismo foram elementos fundamentais na consolidação do modelo de produção capitalista, que se sustenta em especial na subjugação das mulheres, na escravidão comercial de negros e indígenas e na exploração das colônias. No capítulo II, nomeado como *A acumulação de trabalho e degradação das mulheres*, compreende-se que o capitalismo se desenvolve não apenas por meio da expropriação dos meios de sobrevivência dos trabalhadores europeus e da escravização dos povos originários e africanos, mas, sobretudo, com a exploração do corpo feminino que fora e continua sendo utilizado como uma máquina de reprodução da força de trabalho disponível.

Federici (2019) evidencia que a acumulação primitiva e a construção de uma nova ordem patriarcal tornou as mulheres servas da força de trabalho masculina, e a exploração delas foi de fundamental importância para o desenvolvimento do capitalismo. Ao percorrer as páginas que desconstruem as visões idílicas que marcam o nascimento do regime de produção e reprodução social chamado capitalismo, Federici (2019) deixa como lição política, questão antecipada por Lélia Gonzalez (1984), que o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo. Ou seja, essas opressões que se expressam no capitalismo são as expressões reais da forma social do capitalismo, que não pode ser interpretado de forma homogênea a partir da Europa.

Colonização e superexploração

A colonização e a exploração das Américas representaram o principal combustível para o desenvolvimento do capitalismo na Europa. Numa citação um tanto quanto desgastada, porém não menos real do famoso capítulo XXIV de *O Capital*, Marx evidencia que:

[...] a descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravidão e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracteriza a aurora da era de produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. (Marx, 2015, p. 821)

A colonização e a exploração são fenômenos que podem ser analisados por diferentes lentes, seja histórica, sociológica, antropológica, linguística, psicanalítica etc. Os historiadores registram que o saque, o vilipêndio e o genocídio europeu no Brasil se deram no final do século XIV e início do século XV. Depois de um período em que as terras invadidas por Portugal foram esquecidas, o governo português inicia um processo de invasão mais consistente. Esse pontapé inicial, num primeiro momento, teve como único objetivo a exploração comercial, começando com os povos originários e continua com o início do tráfico negreiro já em 1550.

Segundo Lélia Gonzalez (2020), já no final do século XVI, os escravizados constituíam a maioria da população na nova colônia. O lugar das pessoas negras durante a colonização foi o de seres semoventes. As pessoas negras eram o capital constante⁷ da grande propriedade colonial. Du Bois (2021) assinala que, em termos de aspirações humanas e sua negação, a escravidão igualava as pessoas negras ao gado.

O escravismo colonial⁸ brasileiro foi estruturado a partir do elemento africano, vindo de diversas partes daquele continente. Apesar de uma certa divergência sobre os números, em especial por conta do apagamento de registros sobre o tráfico negreiro, por parte do então ministro da Fazenda Rui Barbosa, no ano de 1889, pouco depois da Proclamação da República, estima-se que o Brasil tenha sido o destino de pelo menos quatro milhões de pessoas negras vindas da África. São esses braços que movimentaram as indústrias brasileiras, começando com a indústria de exploração da cana-de-açúcar e

⁷ Marx chama de “capital constante” as matérias-primas e os meios de produção, como máquinas, equipamentos, instalações, insumos energéticos e de qualquer outra natureza. Já o “capital variável” é a designação de Marx para o capital-dinheiro dispendido na aquisição de força de trabalho, ou seja, no pagamento de salários. Africanos negros eram o capital constante nos albores do modo de produção capitalista racial escravista que havia no Brasil.

⁸ Assim, o escravismo colonial apresenta-se como uma das várias formas que o capitalismo encontrou em seu processo de entificação, produto de um processo de desenvolvimento desigual, fruto de múltiplas determinações que conformam a concretude, enquanto unidade da diversidade do modo de produção capitalista.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

a produção do ouro branco, passando pela plantação, cultivo, colheita e ensacamento do café, continuando com a exploração da força de trabalho nas cidades por meio das mais diversas formas de utilização do trabalho dessas pessoas negras. Porém, é preciso destacar que a principal indústria colonial era a indústria escravocrata, que fazia movimentar as estruturas do Estado escravista brasileiro.

Em todos esses setores fica claro que o elemento da superexploração da força de trabalho é central no regime de acumulação, e esse acúmulo primitivo se sustentou por meio da superexploração. De acordo com Darcy Ribeiro (2006), o tempo médio de vida de uma pessoa escravizada era de, aproximadamente, 10 anos. As condições desumanas às quais foram submetidas milhões de pessoas já começavam no processo de captura no continente africano. A travessia do Atlântico representava uma viagem ao desconhecido. Ao chegar ao Brasil, essas pessoas eram forçadas a trabalhar por até 16 horas seguidas, com chuva ou com sol. Aqueles/aquelas que não resistiam recebiam castigos físicos, que agravavam ainda mais o quadro de degradação daquelas pessoas. Situação que perdurou por quase quatro séculos e que deixou suas marcas na sociedade brasileira.

Com o fim do regime de escravidão, as elites brasileiras pressionaram o Estado a promover uma política de marginalização daquelas pessoas que haviam trabalhado por anos e anos, para introduzir na configuração societária brasileira a figura do imigrante branco europeu. Ainda com o olhar sobre a questão social, o dia posterior ao dia 13 de maio de 1888, fim oficial do regime de escravidão, irá demarcar o surgimento de uma imensa população em situação de rua no Brasil, e a maioria dos que vivem em situação de rua no Brasil tem cor.

Uma crítica sobre a questão social

A questão social, que ganha as manchetes, traz expressões do pauperismo, da fome, das péssimas condições de habitação, do não acesso à saúde, educação, lazer, esporte, cultura etc. O que se vê a partir de então é a apropriação desses temas pelas classes dominantes, por meio dos seus intelectuais e, também, das suas instituições de



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

Estado, com vistas a suavizar essas contradições do sistema capitalista, fazendo a classe trabalhadora engolir a pílula azul, incutindo ideias de que as mazelas sociais seriam imperfeições do sistema e não expressões intrínsecas ao capitalismo, em especial o racial de base dependente com desenvolvimento desigual e combinado.

Assim, esvazia-se o debate sobre a questão social, tornando-a acrítica e a-histórica. Dessa forma, as diversas expressões da “questão social” configuram um problema a ser enfrentado pelas classes dominantes quando sua antípoda – a classe trabalhadora –, organiza-se em torno de sujeitos coletivos que dão voz, expressão e ação aos interesses proletários, demandando e exigindo reformas no sistema capitalista, ganhos econômicos parciais, plenos direitos de cidadania e, num sentido mais radical, a supressão do capitalismo por uma nova ordem social (Coutinho, 2000).

Evidencia-se, dessa maneira, que a questão social e a exploração do trabalho assalariado pelo capital encontram resistência nas lutas dos/as trabalhadores/as contra as relações sociais de produção capitalista e suas formas de exploração, de opressão e de dominação.

Na forma particular de desenvolvimento do capitalismo racial de economia dependente, de desenvolvimento desigual e combinado, na tradição dos pensadores revolucionários do panafricanismo de Cedric Robinson (2023), em especial *Black Marxism*, a questão social tem sido uma constante que sempre esteve no palco, sobretudo no período em que foram gestadas as revoltas de trabalhadores escravizados nas Américas, no Caribe e no continente africano. E as mulheres negras sempre estiveram no centro dessas ações como sujeitos históricos, e seus corpos sendo a sustentação para o desenvolvimento da acumulação primitiva e integral desse sistema.

A carne mais barata do mercado é a carne...⁹

Segundo Celso Furtado (1976), em *A Formação Econômica do Brasil*, é a racionalidade econômica dos empresários do café que explica o emprego da força de

⁹ Jorge, 2002.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

trabalho imigrante no Brasil. A chegada dessas pessoas, para serem os substitutos dos negros escravizados, no novo regime de trabalho livre, se por um lado contribuiu para a marginalização, para o extermínio e a aniquilação do homem negro, por outro enclausurou ainda mais as mulheres negras, que continuaram, na sua maioria, a cumprir o papel designado pelo patriarcado branco na lógica da reprodução social: escravizadas domésticas e sexuais.

Na análise conjuntural desse período, Emília Viotti da Costa (1977) evidencia que a Lei de Terras (1850) tinha como base a ideia de que a única maneira de garantir trabalho livre nas fazendas era dificultar o acesso à terra, o que faria com que o trabalhador livre não tivesse outra saída a não ser permanecer na fazenda. Esse processo fez com que se ampliasse o exército de trabalhadores/as livres subjugados/as à grande propriedade e, portanto, afastados/as do processo de participação em setores dinâmicos da sociedade.

Assim, Emília Viotti da Costa (1999, p. 266) evidencia que, na passagem do trabalho escravizado para o livre, restaram as pessoas negras, “[...] ou velha condição de agregado; ou a queda no lumpen que já crescia como sombra do proletariado branco de origem europeia; ou as franjas da economia de subsistência”.

Essas pessoas continuaram/continuam a viver em condições em que lhes faltavam/faltam de tudo, muitas delas tendo, como única opção de acesso ao mercado de trabalho a informalidade e a superexploração, conforme aponta na pesquisa sobre as trabalhadoras domésticas no início do ensaio. Nesse sentido, ao se fazer uma breve análise da formação do mercado de trabalho brasileiro, perpassado pela questão racial, buscou-se argumentar que, desde o princípio da chegada das pessoas negras em



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

Bruzundanga¹⁰, o que vimos foi a subalternização do trabalho das pessoas negras e, em especial, das mulheres negras.

Na sociedade brasileira de capitalismo racial dependente de desenvolvimento desigual e combinado, é visível que, em trabalhos manuais e subalternizados, a força que movimentou, movimenta e continuará a movimentar por anos a economia brasileira é a força de trabalho das pessoas negras e o grupo de trabalhadores domésticos, ou melhor, trabalhadoras domésticas é a síntese desse processo. Esse grupo contribui inclusive para o rebaixamento das condições de trabalho do grupos de trabalhadores/as brancos, à medida que a subsunção do campo às cidades e o fim da escravidão sem a instituição de políticas públicas de integração das pessoas negras na assim chamada sociedade de classes teve como consequências, esperadas acredito, a formação de um exército industrial de reserva, um lumpemproletariado, ou melhor, uma franja marginal, como aponta Clóvis Moura (1984) ao se referir à situação à qual foram submetidas as pessoas negras escravizadas no final dos períodos colonial e imperial brasileiro.

Salve o povo da rua
Abre caminhos, minha história vou contar
Sou eu, Carolina de Jesus
A voz da pele preta a ecoar
Bitita! Livre feito uma borboleta

(Samba Enredo “Carolina, A Cinderela Negra do Canindé”
G.R.E.S. Colorado do Brás, 2022)

O lugar da mulher negra no Brasil, pensado a partir da superexploração com a dinâmica de uma divisão sexual e racial do trabalho, foi o de subalternidade, começando na Casa-grande, sem minimizar os enormes contingentes de trabalhadoras nas lavouras de cana-de-açúcar, assim como nos engenhos, nas plantações de café e a perpetuação dessa situação no processo de urbanização, a subsunção do campo à cidade, além da

¹⁰ *Os Bruzundangas* (1923) é um livro de crônicas satíricas em que há a criação de um país fictício, no qual impera a desigualdade social, o mau uso do bem público, o nepotismo, por fim, uma crítica contundente à sociedade brasileira e seus representantes — na política e na cultura — na primeira metade do século XX, porém não é de se estranhar a aproximação temática com os dias de hoje. O livro de Lima Barreto, publicado postumamente, ainda permanece atual, o que permite uma reflexão sobre as diretrizes que persistem em nossa sociedade.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

mudança conservadora nas relações que antes eram entre senhores de engenho e escravizado e que passa a ser da burguesia e de setores médios da sociedade, inclusive profissionais liberais, com empregados domésticos. E um dos símbolos desse processo na arquitetura social brasileira é o surgimento, tanto nos sobrados quanto nos apartamentos de famílias das classes médias e altas, o famigerado quarto da empregada, elemento síntese de um país desigual.

O Brasil desigual, em sua essência, precisa dos pobres e da pobreza (Theodoro, 2023), a mesma denúncia feita por Bitita sobre a sua própria condição no romance *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* (1960). Carolina Maria de Jesus usou da escrita para denunciar a situação vivida pela mulher negra brasileira. Carolina tinha três filhos - João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima - e residiram por longo período na favela do Canindé em São Paulo. Mãe solo, era catadora de matérias recicláveis nas ruas da cidade, sendo esse trabalho a sua fonte de subsistência.

Em *Quarto de Despejo*, a escritora torna as condições de vida dos pobres e das mulheres negras a peça central do livro autobiográfico. Nesses cadernos, Carolina narra o que via pelas ruas do Canindé, uma ocupação na periferia de São Paulo: a violência, a prostituição infantil, o pauperismo, a fome, a falta de políticas públicas e o descaso social são questões sociais presentes no consagrado livro.

Com apenas dois anos de estudos formais, Carolina tornou-se uma das maiores escritoras da literatura mundial. Com o subtítulo *Diário de uma Favelada*, *Quarto de Despejo* é um verdadeiro tratado sociológico literário não ficcional já escrito. As duras memórias de uma mulher negra e favelada que encontrou na escrita uma maneira de obter visibilidade social e fugir da degradação do indivíduo.

O começo do fim

Para finalizar, retomo o debate sobre a categoria da superexploração e a questão da mulher negra no Brasil. Tanto com Marx (2015) quanto com Ruy Mauro Marini (1969), fica claro que a intensidade do trabalho, o prolongamento da jornada (medida



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

efetivada pela manutenção da trabalhadora na casa dos patrões, por meio do quarto da empregada) e a apropriação feita pelo capital do fundo de consumo do trabalho configuram um aumento da taxa de exploração da força de trabalho, da forma como conceituou Karl Marx em *O Capital*. Tanto Marini (1969) quanto Marx (2015) fazem análises concretas da situação concreta, porém falta-lhes uma particularidade para se pensar o caso brasileiro: o capitalismo racial de desenvolvimento desigual e combinado que se instaura nos trópicos, que agudiza ainda mais as relações de exploração, desembocando numa superexploração da força de trabalho. E essa categoria de exploração elege o corpo negro, em especial o da mulher negra, seu principal elemento de vilipêndio. O resultado disso é a mulher negra na base da pirâmide que sustenta essa avenida chamada Brasil.

Para finalizar

Em seu último discurso, o escritor francês Victor Hugo, que escreveu *Os miseráveis* (2012), aponta que a questão social perdura. Ela é terrível, mas é simples: é a questão dos que têm e dos que não têm.

Houve uma tentativa de se fazer uma breve análise da formação do mercado de trabalho brasileiro perpassado pela questão racial. Ao proceder uma análise de base material, histórica e dialética da formação desse mercado de trabalho, chama atenção a centralidade do conceito de raça nessa discussão à medida que a raça tanto como conceito biológico, defendida pela modernidade capitalista, foi usada como justificativa para situar, valendo-se do discurso científico, a posição de superioridade do homem branco, quanto para conformar a posição de subalternidade dos povos indígenas e depois dos negros africanos. As ideias racistas de cunho biologizante, que perduraram até o início do século XIX, possibilitaram que as classes dominantes no Brasil introduzissem na formação social brasileira pseudociências como a eugenia, que alcançou seus tentáculos nas mais diversas áreas desde a educação, política, economia,



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

saúde, segurança pública, assistência social e literatura, vide a distopia de ficção científica *O Presidente Negro*¹¹.

A ideia de raça conformada a partir da biologia foi superada no decorrer do século XIX, surgindo, desse modo, a raça no sentido social, que, no Brasil, é marcado ao elemento preto e pardo, ou seja, aos negros. A ideia de raça social tem como pressuposto que apenas o negro e o indígena seriam sujeitos racializados, sendo o branco e a sua branquitude o padrão de normalidade. A força dessa ideologia se consubstancializa na marcada divisão racial e sexual do trabalho, tendo as pessoas negras ocupando desde o período colonial os postos de trabalho manual, subalterno e mal remunerado e ainda o pódio no ranking do trabalho escravo, esse traço dessa “modernização conversadora”¹² em Bruzundanga¹³.

O debate sobre gênero mereceu espaço importante na tessitura desse texto, pois a partir de autoras como Lélia Gonzalez (2020) e Angela Davis (2016) é possível observar a imbricação desses dois conceitos - gênero e raça - na compreensão analítica das relações societárias em países cindidos com a marca do colonialismo, do eurocentrismo, do cristianismo e do ocidentalismo. Nesse cenário, buscou-se, neste texto, situar a questão da mulher negra no conceito de superexploração com o enclausuramento no trabalho doméstico, começando na Casa-grande. Ademais, buscou-se com esse texto, também, desconstruir o mito da democracia racial, que tem no intelectual Gilberto Freyre (1997) um dos seus principais representantes: a literatura gilberto-freyriana naturalizou o estupro e a subjugação das mulheres indígenas e negras pelo patriarcado branco, que, em certa medida, contou com o beneplácito da mulher branca, obtendo dessa forma colateral, os benefícios da superexploração do trabalho da mulher negra.

Jogada numa condição de submissão da mente e do corpo, mulheres negras se tornaram no Brasil “[...] o corpo... apropriado pelo Estado e pelos homens forçado a

¹¹ Veja excelente material sobre o tema, que Edgar Indalecio Smaniotto (2010), que é Filósofo, Mestre e Doutorando em Ciências Sociais pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Unesp – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, escreveu para o [Portal Geledés](#).

¹² Recomendo a leitura do texto que escrevi para o site: [A Terra é redonda](#).

¹³ Ver nota anterior.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

funcionar como um meio para a reprodução e acumulação de trabalho.” (Federici, 2019). Máquinas de reprodução com seus úteros funcionando como incubadora de um país miscigenado e bonito por natureza, do qual os brasileiros e brasileiras deveriam ser orgulhar. A responsável pela iniciação sexual dos jovens brancos de classes médias e altas, vítimas também da violência do homem negro, meninas mulheres negras que são defloradas ainda jovens, naquele que é o símbolo do elitismo, da perversão, do racismo e sexismo da sociedade brasileira: o quarto da empregada. Um tema explorado por Joyce da Silva Fernandes, conhecido pelo nome artístico, Preta Rara (2019) no livro *A Senzala moderna é o quarto da empregada*. Preta Rara é historiadora, rapper, ex-empregada doméstica e escritora. É isso.

Referências

Barreto, Lima. **Os Bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1985.

Costa, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

Coutinho, Carlos Nelson. Notas sobre cidadania e modernidade. In: Coutinho, Carlos Nelson. **Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2000.

Davis, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Hecl Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

Du Bois, W.E.B. **As almas do povo negro**. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

Evaristo, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

Fanon. Frantz. **Por uma revolução africana**. Editora Zahar. 2021.

Federici, Silvia. **O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2019.

Ferreira, Bia. Não precisa ser Amélia. **Youtube**, 2017. Acesso em 09 de Maio de 2024.



Mulheres, Literatura e Trabalhadoras Domésticas: um ensaio sobre a categoria da superexploração e o conceito de capitalismo racial, particularidades para uma breve leitura do Brasil

Edergenio Severino Vieira

Furtado, Celso **Formação econômica do Brasil**. 14^a Ed. São Paulo: Nacional, 1976.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 32^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios & Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hugo, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

IPEA [et al]. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: IPEA, 2011.

Jesus, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

Marini, Ruy Mauro. **Subdesarrollo y revolución**. 5^a Ed. México: Siglo Veintiuno, 1974 [1969].

Marx, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2015.

Moura, C. Escravismo, Colonialismo, Imperialismo e Racismo. **Revista Afro Ásia**, n. 14, 1984.

Moura, Clovis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Editora Fundação Maurício Grabois/Anita Garibaldi, 2014.

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido de Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

Rara, Preta. **Eu, empregada doméstica**: A Senzala Moderna é o quartinho da Empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

Robinson, Cedric. **Marxismo negro**: la formacion de la tradición radical negra. Madrid: Editorial Traficante de Sueños, 2023.